

B. N. L.

9718

S. C.

ÊCA DE A SEMENTEIRA

GUSTAVO LANDAUER

A Social Democracia na Alemanha

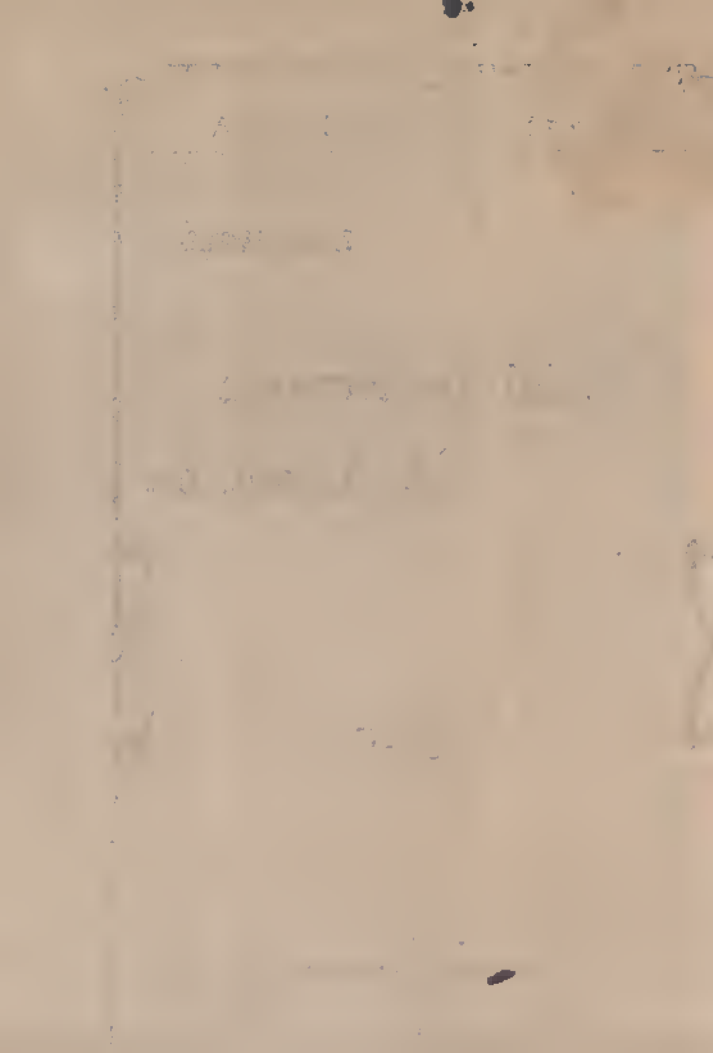


, 1914

Edição e proprietária: A SEMENTEIRA

Composto e Impresso nas Officinas Graphicas

Rua do Poço dos Negros, 81 — LISBOA



BIBLIOTÉCA DE A SEMENTEIRA

IMP
LEG.

GUSTAVO LANDAUER

718

A Social Democracia na Alemanha



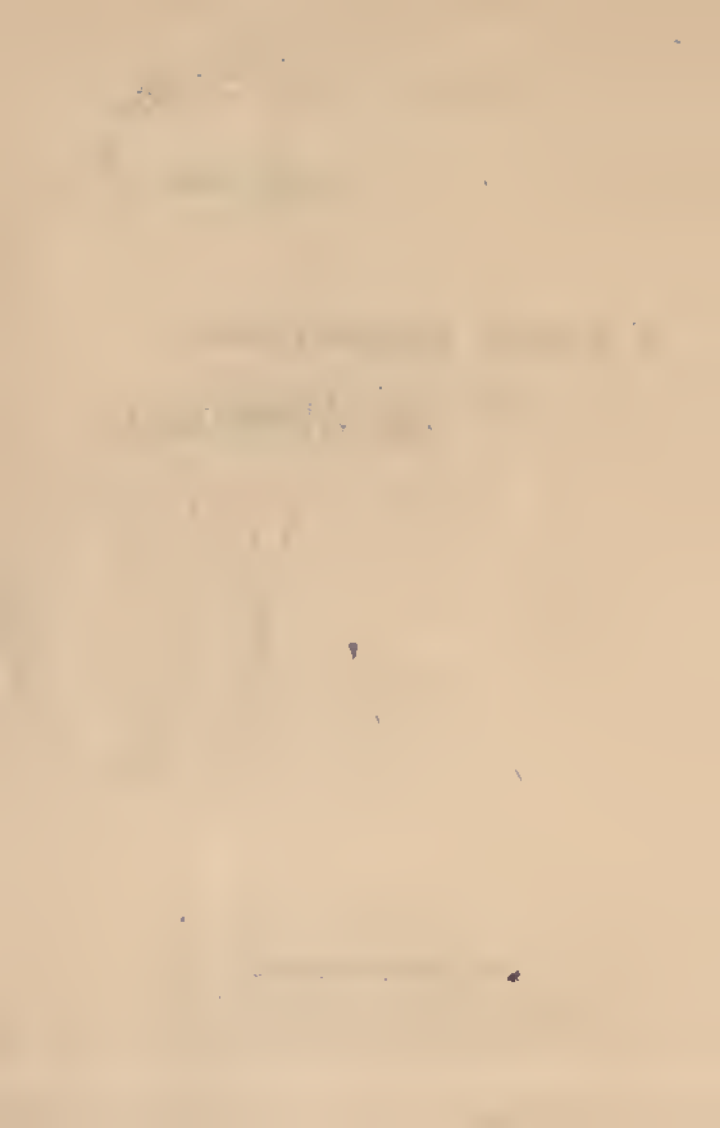
5777⁰



1914

Edifora e proprietaria: A SEMENTEIRA

Composto e Impresso nas **Officinas Graphicas**
Rua do Poço dos Negros, 8: — LISBOA



A Social Democracia na Alemanha (*)

Este relatório, discurso pronunciado no Congresso Internacional de Londres, tem por fim principal dar aos Socialistas não-alemães dos outros países uma descrição concisa do movimento trabalhador alemão tal como é observado pelos anarquistas, colocados como nós estamos no seio do movimento trabalhador, mas de fora do Partido social-democrático.

Em nenhum outro país um simples par-

(*) Esta apreciação da social-democracia germânica, feita há anos por um anarquista alemão, não tem relação, é óbvio, com a actual conflagração europeia; mas serve para mostrar que a atitude recente daquele partido, hoje tam censurado pelos mesmos que no-lo apresentavam como exemplo, não causou surpresa alguma aos libertários. (*Nota do traductor*).

tido, uma seita isolada, se conduziu de tal modo a passar por único e legítimo representante do proletariado como acontece na Alemanha. Em qualquer outra parte, antes de tudo nos dois países onde, na minha opinião, o socialismo e a evolução para a socialização estão muito avançados, na França e na Inglaterra, correntes diferentes existem lado a lado, não sempre em boa paz, mas reconhecendo umas às outras o direito de existência. Todos os esforços feitos em França, Inglaterra, Itália, Espanha, Holanda, para representar as teorias Marxistas ou em geral um partido formado conforme o modelo da intolerante e despótica Social-Democracia Alemã como a única teoria ou partido legítimo, tem até agora conduzido á miserável falência que sempre se dará, graças á maturidade política e ao temperamento livre destes povos. Sómente na Alemanha existe tal partido trabalhador severamente disciplinado, dado como padrão, — largas massas acostumadas a dançar ao som da música tocada pelas regides superiores do govêrno partidário. Para compreender isto, devemos recordar que a Alemanha goza da honra duvidosa de ser o país do monarquismo e do militarismo. Êste espírito imperialista e militar, esta dependência e obediência das massas existem, sentimos dizê-lo, igualmente nas classes mais pobres do povo, que são social, política e económicamente oprimidas

até ao extremo — e o Partido social-democrático alemão, da forma mais vergonhosa, usa desta tendência reaccionária de um povo oprimido, desta dependência das massas, como bases sobre as quais a autoridade de um partido extremamente rigoroso pode ser construída, suficientemente forte para esmagar em tôdas as ocasiões os germes nascentes da liberdade e da revolta.

Os dirigentes da Social-Democracia Alemã (hábeis directores de scena e jornalistas como são) conluíam-se de tôdas as hábeis formas para mostrar o seu partido ante os olhos dos outros países e expôr o movimento operário alemão como o mais forte movimento á superfície do globo. Eu, como anarquista e revolucionário alemão, considero meu dever hoje, como há três anos em Zuric, rasgar esta máscara pintada e solenemente declaro que o aparente esplendor do movimento operário na Alemanha não é mais profundo que uma pele, enquanto na realidade o número daquêles que inteira e conscienciosamente contribuem para uma total regeneração da sociedade humana, que lutam para estabelecer uma sociedade socialista livre, é infinitamente mais pequeno do que o número de votantes social-democráticos.

Votantes — é esta a palavra que, á superfície, produz tal impressão sôbre o povo dos outros países, ao passo que se torna a

verdadeira praga do movimento operário alemão. Pela tática da Social-Democracia neste país, concentrando todos os interesses políticos no parlamentarismo, toda a acção independente do proletariado, todo o trabalho educativo, a luta pelas ideias, e, sobretudo, a luta económica, tem sido relegadas para um plano inferior. O principal desígnio da Social-Democracia consiste em caçar votos; e a briga eleitoral é usada unicamente para induzir as massas mal educadas, por todas as habilidades dos demagogos, a votar (secretamente) no candidato social-democrático. A genuína propaganda socialista, a agitação contra a propriedade privada e toda a exploração e opressão, estão fora do assunto em tempo de eleições, de nada mais se fala que não seja a reforma de impostos, e outros projectos pelos quais as classes mais pobres, o trabalhador ou o artista, o camponês ou o operário podem ser beneficiados dentro da presente sociedade burguesa por meio de leis e do Estado. Estas leis (na elaboração das quais os deputados social-democráticos trabalham com grande actividade no parlamento e nos vários comités) meramente fortalecem o Estado e a potência da polícia — o actual Estado monárquico e capitalista, alemão ou prussiano, — e torna-se cada vez mais importante saber se a nossa Social Democracia julga que algum simples retoque de

acabamento aplicado ao nosso centralizado e tutelar Estado-polícia, sempre a intervir em tudo, é tudo quanto é necessário para transformar o Império Alemão no famoso Estado do futuro.

Não é somente em tempo de eleições, quando mais se graceja sôbre as paixões cegas das massas mal educadas, que o partido social-democrático nega os princípios do socialismo, mas também quando toma parte no trabalho parlamentar inteiramente sob o ponto de vista da sociedade burguesa. Nem isto é igualmente negado por mais tempo. Bastas vezes, recentemente, os dirigentes social-democráticos declararam que no Parlamento se contentavam meramente com fazer reclamações radicais (burguesas) democráticas e que elles não sonhavam em prègar as ideias do socialismo a ouvidos surdos. Se assim é, pode perguntar-se: «Porque é, então, que estes cavalheiros lançam pérolas a porcos? porque não preferem elles falar àqueles que desejam ardentemente palavras de emancipção e de inspiração — homens e mulheres das classes oprimidas?»

Do muito material á minha disposição, que, se se oferecer occasião tenho o maior desejo de apresentar ao Congresso, apenas citarei um recente mas completo exemplo, Há anos já, — de facto desde a fundação do novo Império Alemão, que as classes proprietárias da Alemanha insistem pela adop-

ção de um código uniforme da lei civil, que é uma modificação das leis relativas á propriedade privada, ás relações comerciais, criminalidade, casamento, família, etc. Nunca melhor oportunidade se ofereceu (para os sociais democratas no Parlamento) para censurar e abalar os verdadeiros alicerces da sociedade burguesa. Contra o Império Alemão, o Império dos ricos, devia ter sido proclamada a soberania da liberdade e da justiça universal; contra a tentativa ridícula de juntar uma vez mais as leis relativas à propriedade privada, na véspera de uma nova época em que as massas exploradas porão fim à propriedade privada, devia-se ter feito avançar o Socialismo. E que grandes, vivificantes e férteis ideas não poderiam ter sido pronunciadas sôbre o casamento e a família! Não se tinha tornado necessário dizer antes de tudo que o casamento, a união livre e a família de modo nenhum tem que ver com o Estado, e que são unicamente assuntos respeitantes a cada indivíduo? Mas que fizeram os sociais democratas? Nada disso. Nada foi dito sôbre o estabelecimento de uma nova sociedade, nem uma palavra como tal dita contra a propriedade privada, nem uma sílaba proferida contra a impudência de necessitar de regularizar os negócios particulares por meio de códigos, nem uma simples palavra de princípios, em suma, nenhuma ideas socialistas

foram apresentadas nesta ocasião única. Não se deve supôr, contudo, que os deputados social-democráticos guardaram completo silêncio. Oh, não, pelo contrário: expandiram-se em baixa loquacidade, esforçando-se por remendar esta pobre proposta de lei das classes ricas a quem a cegueira tinha atingido. Durante horas êles questionaram com os legisladores burgueses sôbre as maiores facilidades para o divórcio, a propriedade das espôsas, etc. Foi uma disputa de legisladores, mas de forma alguma uma luta entre duas seitas ou ideas opostas; entre o passado apodrecido e condenado, e o futuro jovem e nascente. Tempos próximos virão em que o Socialismo não terá lugar ou voto no Parlamento — isto foi provado uma vez mais nesta ocasião; e os homens que pelo seu passado deviam ser socialistas, abandonam o Socialismo logo que se vêem no Parlamento, e tornam-se reformadores burgueses e participantes da potência do Estado.

Em várias ocasiões, durante os últimos três anos, os sociais democratas provaram que desistiram de acordar o espírito de revolta, adormecendo as massas e fazendo-o conscientemente. Pelo contrário, fizeram tudo para impedir demonstrações poderosas das massas oprimidas, e difamar os actos dos indivíduos, sôbre a utilidade dos quais cada um pode ter a sua própria opinião,

mas que podem enfim ser compreendidos e desculpados, devido ao sistema homicida sob o qual nós todos sofremos. Vaillant e Henry, que sem dúvida se mantiveram firmes corajosamente, pelos seus actos, foram julgados pelo *Vorwärts* (o órgão central da Social Democracia Alemã) com maior severidade e azedume do que pelos seus sanguinários juizes burgueses. Dúzias de vezes o *Vorwärts* lhes chamou doidos, insensatos, lunáticos — sendo no entanto positivo que, embora apaixonados e prontos a usar os meios extremos, eram Socialistas bem conscientes das suas ideas, e de forma alguma mentes transtornadas. Mas o ódio aos anarquistas e o receio de que tais actos de violência ponham em perigo o seu próprio partido privam tais homens de todos os sentimentos de justiça, boa fé, e opinião recta. Porque é que o *Vorwärts* não chama lunáticos aos homens de violência das fileiras do govêrno, ao exército das classes dirigentes? Porque é que as suas setas venenosas são apenas usadas contra os homens infelizes das fileiras dos oprimidos, a quem uma imensa piedade, uma extrema provocação, ou um ódio frio e reaciocinado conduz a opôr a violência ilegal à violência legal? Nunca o partido de ordem Social-Democrático Alemão duvidou da sã razão do Presidente Carnot, que assinou tantas penas de morte, nem de Bismark ou de Moltke; mas

Casério é chamado pelo *Vorwärts* um «epiléptico atacado pela mania religioso-anarquista.» Isto é acomodaticio e cobardemente mentiroso merecendo o mais áspero castigo.

E como é que o Partido Social-Democrático actua por ocasião do aniversário da guerra Franco-Alemã? No princípio eles estavam ao lado da geral atitude de protesto das classes trabalhadoras. Mas depois do bem conhecido discurso do Imperador, chamando a todos os que não participavam desta celebração «uma população indigna do nome de alemães» e ré de alta traição, o partido Social-Democrático imediatamente proclamou uma rápida retirada. Auer, membro do partido executivo, pronunciou um discurso refutando sucessivamente todas aquelas difamações. Ele explicou que, quando convenientemente tratados, os sociais democratas estavam completamente dispostos a ser fiéis à Corôa, que elles tomariam parte na guerra com entusiasmo, que a restituição da Alsácia e Lorena à França estava fóra da questão; que os trabalhadores alemães tinham lutado e morrido pela unidade do Império; que eram suas as palavras «e estranha seria a atitude dos trabalhadores se se opusessem à formação de um Estado nacional». Ele enérgicamente rejeitou a arguição de inimizade contra o Império, e declarou por sua parte que os verdadeiros inimigos do Império — são aqueles que se

opõem ao sufrágio universal. Falou como um candidato a um lugar no gabinete e não como o intérprete de uma classe de productores oprimida e gravemente insultada.

E qual foi a atitude dos Sociais Democratas alemães, para com a demonstração do dia 1.º de Maio? No Congresso Internacional de Zuric foi resolvida a rigorosa cessação de todo o trabalho. Mas, poucos mezes depois, a Conferência de Colónia do partido alemão quasi unanimemente declarou a impossibilidade de tal acção sob as presentes condições económicas; e foi resolvido que sómente deviam deixar o trabalho nesse dia os operários que o pudessem fazer "sem prejudicar os interesses dos trabalhadores." Tudo isto é um embuste cobarde. A situação económica da Alemanha é idêntica à da Áustria; — e que seria impossivel na Alemanha que *fosse possivel* na Áustria? O motivo desta lamentável atitude só reside nos chamados votantes social-democráticos e nos demonstrantes do dia 1.º de Maio; porque o resultado seria uma prova plena de que, ainda que existam muitos votantes, êles de nenhuma forma são enérgicos e activos socialistas. Além disso, os dirigentes tem receio, em geral, de toda a acção independente das massas. Não poderiam estas massas ver que a acção independente da organização é o verdadeiro caminho em todos os assuntos, e que é de pouca utili-

dade para êles o ter "representantes" no parlamento? Tudo o que é feito de baixo é repulsivo para os sociais democratas, que esperam resolver o problema social de cima — gabinete do Comité, plataforma do Parlamento, por meio do mecanismo da legislação.

Não entrarei em mais amplos pormenores neste relatório, que, devido à falta de tempo para elaborar outro maior, deve ser pequeno. Mas deve-se juntar êste facto : que a mesma aversão para qualquer movimento das massas se verifica com respeito ás **greves**. Não só a paralização do trabalho no dia 1.º de Maio não é defendida ; não só a Grêve Geral é continuamente tratada como uma idea ridícula, e no dizer de Auer uma «estupidez geral» (*General Blödsium*), enquanto quasi tôdas as secções dos trabalhadores franceses são partidários da Greve Geral — mas em tôdas as maiores greves de simples ofícios torna-se evidente que os dirigentes social-democráticos estão extremamente contrariados com elas e pôr-lhes hão fim logo que possam. Isto foi observado na mais visível e odiosa forma durante a grande greve de alfaiates na primavera de 1896, em Berlim e noutras cidades. Como de costume em tais casos, quando foi essencial levantar as massas e preparar a greve, nenhum dos dirigentes social-democráticos foi visto. Mas a isto estamos já costumados,

na Alemanha: no parlamento, quando se discutem as mais mesquinhas e insignificantes propostas de lei, estes cavalheiros estão sempre nos seus lugares; no meio das lutas económicas independentes das classes trabalhadoras, êles serão as mais das vezes procurados em vão. Entretanto por ocasião da greve dos alfaiates êles estavam antecipadamente nas fileiras daqueles que por todas as formas de insinuações escuras diligenciaram desanimar a greve e frustrá-la. Nisto não foram bem sucedidos; a greve de mulheres e homens miseravelmente pagos começou e atingiu um grau de paixão e proporções imprevistas para tôda a gente. Mais de 20.000 estavam em greve em Berlim, e o número deles crescia diáriamente. A greve terminou rápidamente: — os dirigentes social-democráticos da greve tinham decidido a paz com os patrões sem consultar os próprios grevistas. Das cláusulas essenciais das modestas reclamações dos trabalhadores nenhuma foi atendida. Nesta conjuntura alguns anarquistas de Berlim intervieram, foi publicado um manifesto incitando os trabalhadores a permanecer em greve e a não abandonar a luta no momento que ela ia ainda em aumento.

E com efeito, mais de metade daqueles que assistiram aos catorze grandes comícios resolveram conservar-se em greve. Então o *Vorwärts* inaugurou um sistema completo

de falsas notícias, arremessando suspeições e insultos, de forma que se tornou impossível conservar unidas por mais tempo as massas inexperientes e desorganizadas — na maioria mulheres. Foi uma debandada geral, preparada e ordenada pela Social Democracia Alemã. Verdadeiramente isto foi uma ocasião para aprender a desprezar completamente a humanidade para aqueles que, por essa ocasião, tinham sofrido estes miseráveis insultos simplesmente por ter advogado com boas razões a continuação da greve, se não fôsem inesgotáveis o seu optimismo e a sua esperança. Pessoas que desta forma fazem uso da sua autoridade em detrimento da luta de classes tem inteira razão para se prevenir com apaixonado fanatismo contra a admissão no Congresso Internacional daqueles que desejam amarrá-los a um pelourinho internacional. E' por *terem medo* de nós, anarquistas alemães, que os sociais-democratas lutam com tão odiosa intolerância contra a admissão de delegados alemães que se conservam fora das fileiras da Social Democracia.

Em conclusão, torna-se necessário juntar êste lastimoso quadro rapidamente esboçado com alguns retoques menos tristes. A despeito de tôda a tutela e disciplina, o espírito das massas, que avançam para a frente a despeito de tudo, é satisfatório. Não obstante todos os vilipêndios social-democráti-

cos, os trabalhadores alemães começam a renunciar á sua fanática intolerância contra os anarquistas e outras secções independentes. Na maior parte dos centros industriais nós não somos interrompidos, mas escutados com manifesto interesse; as ideas e os sentimentos revolucionários, nunca completamente esmagados numa classe oprimida, começam a agitar-se com novo vigor. A dúvida quanto ao valor do parlamentarismo começa a estender-se por tôda a parte; torna-se manifesto, que a educação das próprias massas é o que é necessaria, e que as próprias massas devem lutar economicamente e organizar-se em associações economicas, se querem alcançar o Socialismo. As lutas economicas, reclamações para aumento de salários, e as greves tem-se tornado mais vigorosas e mais frequentes durante o ano passado. Tambem o interesse geral pelas associações trabalhadoras de produção sob bases cooperativas se está desenvolvendo — embora vão de encontro é desconfiança de muitos no campo anarquista. As opiniões dos anarquistas alemães nesta questão estão divididas; todavia deve dizer-se que os anarquistas foram dos primeiros a recomendar este auxílio próprio, esta união solidária de interesses dos consumidores como um meio de emancipação, como os núcleos para a socialização de tôda a riqueza — em opposição ao Socialismo de Estado e à participa-

ção no Govêrno e no Parlamento. Ao fazermos assim apontamos as sociedades cooperativas inglesas e as prósperas associações belgas. Arrostando com a zombaria do partido Social-democrático alemão ; como um partido conservador abominando tôdas as inovações, diz-nos que a situação do nosso país é diferente da daqueles acima mencionados. Isto é uma maneira fácil de provar um ponto e desviar o assunto, é verdade ; mas nós tencionamos mostrar — a êles e também aos nosos relutantes amigos — que na Alemanha um forte movimento cooperativista pode igualmente existir lado a lado com o movimento das Uniões de Ofício, e que ambos podem ser os alicerces principais do Socialismo livre, anti-estatista e anti-governamental.

Nós poderíamos ainda indicar alguns outros indícios do advento de um mais livre e animado espírito na Alemanha. Eles abrangem não só — e nem sequer em primeiro lugar — as classes trabalhadoras, mas igualmente partes crescentes das classes médias que inteira e finalmente rejeitam todos os preconceitos e advogam a regeneração da sociedade humana. Estes esforços que estão começando a concentrar-se em volta de Von Egidy, ex-tenente-coronel, não merecem censura. Homens que primeiramente estavam profundamente imbuidos de todos os preconceitos de religião, monarquismo, mili-

tarismo, capitalismo, — homens de ciência, artistas, soldados e padres, começam eles próprios a emancipar-se do miserável presente, o leito de morte das inteligências e a trabalhar de mãos dadas connosco para a acção e pensamentos livres, para um nivelamento dos contrastes políticos, sociais e económicos. Eu não poderia senão desejar que um homem da brilhante energia de Von Egidy estivesse presente em Londres; os nossos amigos estrangeiros, fácilmente chegariam á conclusão de que as suas maneiras de pensar e de actuar são a muitos respeitois muito mais avançadas do que a táctica dos Sociais-democratas alemães, que impacientes por dominar como estão, zombam do levantamento de qualquer outro movimento ao lado seu.

Assim se torna evidente também na Alemanha — a despeito da opressão de todas as correntes livres dos dois campos diferentes — que o velho mundo está apodrecido e pronto a desabar, e que alguma coisa nova grande, magnificante, está muito perto de ser realizada pelos esforços unidos do género humano — até agora na maior parte tão reprimido: a vida livre do indivíduo tendo por base o interesse de todos, a solidariedade, o Socialismo. Nós, os anarquistas da Alemanha, sentimo-nos todos socialistas; e aqueles que afirmam que nós não somos socialistas, mentem. O que nós comi-

batemos é o Socialismo de Estado, nivelando de cima, é a burocracia; o que nós advogamos é a livre união e associação, a ausência de autoridade, o pensamento livre de todas as peias, a independência e o bem-estar para todos. Antes de todos os outros, somos nós que prègamos a *tolerância* para todos — quer pensemos que as suas opiniões são acertadas quer não; — nós não queremos esmagá-los pela fôrça ou de outra sorte. Da mesma forma nós pretendemos tolerância para nós, e onde os Socialistas Revolucionários, onde os trabalhadores de todos os países se reúnem, nós queremos estar entre êles e dizer-lhes o que temos para dizer; nós somos homens com as mesmas capacidades intellectuais como todos os outros. Se as nossas ideas são más, aqueles que sabem mais ensinem-nos melhor; mas se nós temos razão, se, o que é a nossa mais íntima convicção, a estrada do progresso está indicada pela Anarquia, então nós vos convenceremos tarde ou cedo da verdade das nossas ideas — se sómente nos escutardes, quer vós sejais de arrebatadas convicções ou não. E ainda que vós cerreis os ouvidos contra nós, outros virão escutar-nos e nos compreenderão, e a lógica dos factos por fim envolverá connosco aqueles que agora resistem.

Gustavo Landauer.

Aos camaradas

Ha quasi dois anos que motivos imperiosos nos forçaram a deixar de publicar a revista A Sementeira bem como a interromper a publicação de folhetos. Consequentemente o grupo editor, á parte as boas relações entre os seus membros, dissolvera-se.

Passadas algumas das dificuldades de então, reunimos agora alguns para encetar de novo a obra interrompida; o presente folheto é o resultado da reorganisação do grupo.

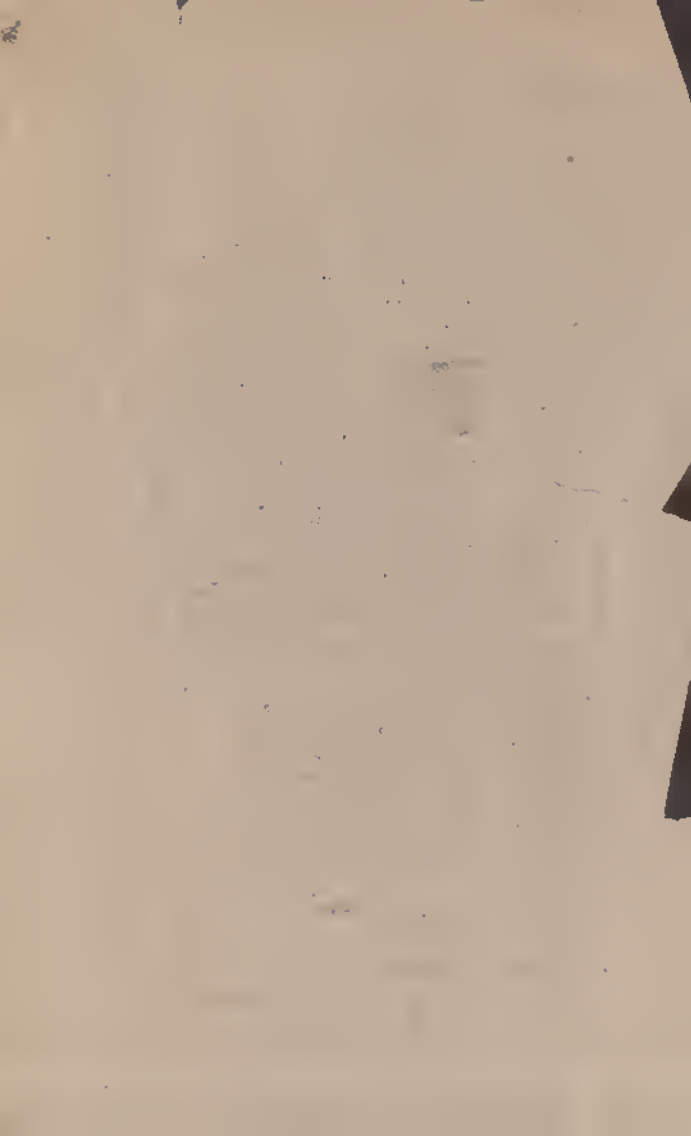
Se como então, formos bem recebidos, se como util e necessaria a nossa colaboração for tida, outros trabalhos se seguirão, e de futuro, como anteriormente, será com o produto da venda de uns que novos folhetos serão editados, tantos mais quanto o auxilio que nos prestarem.

Duas das nossas edições estão já esgotadas, mas de outras temos alguns exemplares que é necessario tenham a maxima difusão. Para isso fazemos o desconto de 20 % nos pedidos de 5 exemplares e de 30 % nos pedidos de 25 ex.^{es}, descontos que principalmente visam a facilitar o trabalho de propaganda dos outros grupos.

Todos os pedidos serão satisfeitos quando acompanhados das respectivas importancias e dirigida á

Bibliotéca d'A SEMENTEIRA

Cais do Sodré, 88 — LISBOA-PORTUGAL



Leitura recomendavel

Do grupo «A Sementeira»

H. Malatesta. — <i>Em tempo de eleições...</i>	(exgotado)
C. de Lisle. — <i>A propriedade e o socialismo</i>	(exgotado)
P. Krapotkine. — <i>O governo revolucionario</i>	2 cts.
P. Delessalle. — <i>A confederação do trabalho</i>	3 »
R. Me'la. — <i>Os camponeses</i>	2 »
P. Krapotkine. — <i>Os bastidores das guerras</i>	3 »
G. Landauer. — <i>A Social Democracia na Alemanha</i>	2 «
Fotogravuras de alguns revolucionarios, em bom papel couché.....	2 »
4.º ano e até ao ultimo n.º publicado d' <i>A Sementeira</i> , 10n.ºs, volume de 128 pags.	30 »
Os 3 primeiros anos d' <i>A Sementeira</i> , volume de 292 pags. com 35 fotogravuras em bom papel couché, brochado	1\$50 »

De outras bibliotécas

E. da Silva — <i>Teatro livre e arte social</i> ..	2 »
Libertas. — <i>O rei e o anarquista</i>	3 »
C. Dias. — <i>Semeando para colher</i>	2 »
C. G. T. — <i>O dia de oito horas</i>	2 »
M. J. Sousa. — <i>Sindicalismo e acção directiva</i>	2 »
J. Prat. — <i>As mulheres</i>	5 »
P. Krapotkine. — <i>Um seculo de expectativa</i>	5 »
F. Delaisi. — <i>Os politicos, os financeiros e a guerra</i>	5 »
Nós. — <i>A canção (1911), e a um sabio</i>	15 »
Almanaque da Aurora para 1913.....	6 «

Pedidos á Bibliotheca A VIDA, Porto, ou

A Sementeira

Cais do Sodré, 28 — Lisboa-Portugal